

GUERRA HÍBRIDA NO AMBIENTE MARÍTIMO: UMA COMPREENSÃO INICIAL

Hybrid war in Marine Environments: an Initial Understanding

Eduardo Augusto Wieland¹

Introdução

A maneira de fazer e conduzir a guerra tem evoluído e não é mais a mesma daquelas conhecidas até o século passado. Entretanto, a natureza dos conflitos permanece a mesma e os conceitos de Clausewitz e Sun Tzu que influenciam a segurança internacional continuam válidos.

Os conflitos de hoje são combatidos por diferentes formas, caracterizando-se pelo caráter inovativo. Atores estatais e não-estatais desafiam Nações, instituições públicas e privadas por meio de um amplo espectro de atividades “ocultas”, direcionadas às vulnerabilidades dos alvos que afetem seus interesses. Essas ações empregam cada vez menos a força cinética letal e mais múltiplas ferramentas, inclusas do ambiente informacional.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a União Europeia (UE) têm dedicado especial atenção a essa questão. As chamadas “ameaças híbridas” têm sido exaustivamente estudadas e combatidas, e o ambiente marítimo provou ser especialmente vulnerável (KREMIDAS, 2020). A busca por espaços na Crimeia e no Mar do Sul da China são exemplos de como uma abordagem híbrida reduz o “preço” político por uma agressão, tornando uma anexação territorial e mudança de regime possível com menor desgaste.

As Marinhas estão operando em uma época de grande complexidade. Globalização, proliferação da tecnologia avançada, extremismo transnacional, ressurgentes, são exemplos do agravamento da incerteza atual, que marcam e acentuam o desafio que é compreender o ambiente operacional que as Forças Armadas devem atuar.

Em uma tentativa de estimar melhor as possíveis perturbações futuras no ambiente operacional, o GENE adotou como Área Temática a Guerra Híbrida e seus impactos na Estratégia Naval. Para tal é necessário familiarizar-se com a história naval, e compreender como os novos meios de combater inter-relacionam-se com os atuais acontecimentos no meio marítimo ao redor do mundo.

¹ Escola de Guerra Naval (EGN). Coordenador Executivo do Grupo de Estudos de Estratégia Naval da EGN (GENE).

Desconhecer tais impactos na Estratégia pode resultar em percepções tardias de agressões, reduzindo o poder de reação.

Portanto, o propósito deste Ensaio é apresentar os principais conceitos, características e as principais vulnerabilidades no ambiente marítimo, que poderão ser alvos de ameaças híbridas.

1. Conceitos

Afinal, o que é Guerra Híbrida? Não se conseguiu encontrar, em uma busca preliminar para o desenvolvimento deste trabalho, o conceito de Guerra Híbrida em documentos oficiais da Marinha ou do Ministério da Defesa e de outras Forças Singulares brasileiras. Foi encontrado tão somente o conceito de ameaças e, mais especificamente, o de ameaças híbridas. Para que se possa entender e melhor dimensionar o problema, deve-se partir de conceitos previamente estabelecidos. Em uma rápida revisão bibliográfica, verifica-se uma plethora de definições que acabam gerando uma sensação de imprecisão de entendimento o que gera incertezas. Precisa-se, portanto, de um ponto de partida, um conceito basilar.

O setor operativo da Marinha do Brasil assim definiu ameaças híbridas:

Emprego sob medida, por ator oponente, de múltiplos instrumentos, militares ou não, como operações psicológicas, ataques cibernéticos, pirataria, ações terroristas, propaganda, contrapropaganda, desinformação, ações econômicas, crimes ambientais, interferências nas comunicações, ações de forças regulares e irregulares contra infraestruturas críticas, ataques nucleares, biológicos, químicos ou radiológicos, bem como outras atividades criminosas ou subversivas de naturezas diversas, combinando ações simétricas e assimétricas, com seu efeito sinérgico, podendo atuar em ambientes físicos ou não, particularmente o informacional, direcionados a vulnerabilidades específicas do alvo, visando a atingir os efeitos desejados pelo agressor e, normalmente, a partir de desestabilização, medo e incerteza gerados na sociedade como um todo ou em parte dela. (BRASIL, 2020, p.1).

Em uma análise superficial, verifica-se que a ameaça híbrida é uma ação planejada que envolve mais de uma ferramenta, militar ou não, para desestabilizar e gerar medo e incerteza na sociedade, contra uma vulnerabilidade particular.

Para Brum (2016) a ameaça híbrida é um ator, um sujeito que realiza uma nova forma de guerrear pelo emprego de modernas tecnologias e redes de comunicação, arte operacional irrestrita, além de novas combinações de capacidades convencionais e não convencionais, distintas de métodos de guerra irregular.

Já Guerra Híbrida caracteriza-se pelo:

Emprego de táticas assimétricas para sondar e explorar as fraquezas por meios não militares (como políticos, informacionais e manipulação e intimidação econômica) apoiados pela ameaça de meios militares convencionais e não convencionais².

e:

Estratégia de guerra na qual os agressores exploram todos os modos de guerra simultaneamente. Essa forma de conflito é marcada pela incerteza, pela assimetria, não linearidade e multimodalidade³.

A Guerra Híbrida pode ser conduzida tanto por atores estatais como uma variedade de atores não estatais. Incorpora uma gama de modos diferentes de guerra incluindo capacidades convencionais, táticas irregulares e formações, atos terroristas, além de coerção e violência indiscriminada, e desordem criminal (HOFFMAN, 2007).

As ameaças híbridas são melhores entendidas quando pensamos em um ataque à governança, especificamente à governança democrática. Governos e instituições com governança fraca estão mais suscetíveis às ameaças híbridas e transnacionais. Corrupção, baixo nível de confiança pública, fraca responsabilidade pública e privada, imposição da lei de forma ineficaz, débil controle da segurança de fronteiras e de portos, protocolos de segurança para infraestruturas críticas ineficazes, baixa cooperação entre os dirigentes de alto escalão governamental, instituições, e o setor privado deixando eles mais vulneráveis a esses ataques na governança (KREMIDAS, 2018).

Hoffman (2009, p.2) trouxe a debate essa quantidade de conceitos que surgiam à época. Guerra híbrida como sendo uma “guerra de guerrilha contemporânea que emprega tanto tecnologia moderna quanto métodos avançados de mobilização”. Ameaça híbrida como “qualquer ator que emprega dois dos quatro modos de conflito – tradicional, irregular, terrorismo catastrófico e tecnologia disruptiva – para contrapor uma superioridade militar”. Existem ainda definições que se concentram nos locais de batalha assimétrica. Assim guerra híbrida seria aquela combatida em três possíveis campos de batalha: dentro de zona de conflito populacional, na frente de casa da população e na comunidade internacional. Essa definição se foca nas ferramentas de informação modernas e na mobilização da

² NATO PA. Defence And Security Committee General Report “Hybrid Warfare: Nato’s New Strategic Challenge?” (166 dsc 15 e bis).

³ Serviço Europeu de Ação Externa, de maio de 2015, da União Europeia.

massa. Ainda, “guerra híbrida é a melhor descrição dos conflitos modernos de hoje. Ela combina modos de conflito irregulares, incluindo guerras civis, insurgência e terrorismo”.

Quanto à ameaça híbrida, Hoffman (2009, p.3) a define como “qualquer adversário que simultaneamente e adaptativamente emprega uma mistura fundida de armas convencionais, táticas irregulares, terrorismo, comportamento criminoso no espaço de batalha para atingir seus objetivos políticos.” O autor debate ainda cinco diferentes considerações acerca dessa definição:

- a) Modalidade *versus* estrutura – a definição deve concentrar nos modos do adversário de combater ou na sua estrutura? (combinação de estados, atores não estatais, combatentes estrangeiros).
- b) Simultaneidade – a força tem que empregar simultaneamente os quatro modos de conflito ou demonstrar a capacidade de empregar todos os quatro durante a campanha?
- c) Fusão – fundir forças diferentes, regulares e irregulares, no teatro, ou misturar diferentes modos de conflito?
- d) Multimodalidade – um ator deve conjugar os quatro modos ou apenas três modos suficientes para se tornar uma guerra híbrida?
- e) Criminalidade – a criminalidade é um modo deliberado de conflito ou simplesmente uma fonte de renda ou apoio de gangues?

Whiter (2020, p.7) chama a atenção da invasão russa na Crimeia como marco do emprego de guerra híbrida por um estado e passa a apresentar considerações sobre definições pré-existentes, como: “guerra híbrida é um conflito envolvendo uma combinação de forças militares convencionais e irregulares (guerrilheiros, insurgentes e terroristas), que pode envolver atores estatais e não estatais, destinados a atingir um propósito político comum”. Ou ainda “o uso de meios militares ou não militares em uma campanha integrada, planejada para alcançar surpresa, capturar a iniciativa e conquistar vantagens psicológicas e físicas empregando meios diplomáticos; informações rápidas e sofisticadas, operações cibernéticas, operações militares “em claro” ou encobertas, ações de inteligência, e pressão econômica. Segundo ele, a invasão da Crimeia pela Federação Russa, em março de 2014, fez com que a guerra híbrida deixasse de ser um assunto estudado apenas por estrategistas militares e acadêmicos e entrasse num domínio político mais amplo como um desafio de segurança significativo para o Ocidente.

2. Características da Guerra Híbrida

Nessa plêiade de conceitos e definições de Guerra Híbrida e Ameaça Híbrida, muitas vezes contestada e sem concordância universal, apresentam-se as características comuns às definições já expostas.

A primeira é que a Guerra Híbrida ou Ameaça Híbrida torna a distância entre a guerra e a paz cada vez mais incompreensível. Fica difícil discernir o limiar do início da guerra. Assim, a guerra híbrida busca colher os dividendos atuando próximo a esse limite, por ser mais barata, mais fácil e envolver menor risco que as operações cinéticas de uma guerra convencional (BILAL, 2021). É muito mais factível patrocinar e disseminar desinformação em colaboração com atores não estatais que espalhar tanques em território de outro país ou lançar caças no espaço aéreo alheio.

A segunda característica da guerra híbrida/ameaça híbrida está relacionada à ambiguidade e responsabilidade. Ataques híbridos são geralmente marcados pela imprecisão da autoria. Essa obscuridade é intencionalmente criada para dificultar a responsabilização e, com isso, a resposta ao ato. A terceira característica é ser dirigida a uma vulnerabilidade. Essa particularidade confere um grau de planejamento do agressor, que busca um efeito desejado específico. A fim de conferir onde deve ser empregada maior resiliência a possíveis ataques híbridos e vislumbrar como combatê-las, enumera-se, a seguir, as vulnerabilidades específicas ao ambiente marítimo.

3. Vulnerabilidades no Ambiente Marítimo

Segundo Kremidas (2018), são seis as principais vulnerabilidades:

- a) Comércio Marítimo – Marinha Mercante e Portos são vulneráveis, pois estão sujeitos a sabotagens; interferências em sistemas de navegação; ataques cibernéticos nos sistemas de informação da cadeia logística, resultando em carga perdida ou extraviada; negação de acesso a facilidades portuárias e danos ambientais.
- b) Cibernética – atividades marítimas comerciais e militares estão cada vez mais dependentes das capacidades cibernéticas. De sistemas de navegação a sistemas de informação portuária todas se tornam vulneráveis a ataques cibernéticos por atores híbridos e organizações criminosas.
- c) Energia – a diversificação da cadeia energética levou a um aumento da importância do Gás Natural Liquefeito (GNL), incluindo os navios que o transportam e facilidades de

offload em terra. Além disso, a exploração de gás e óleo nos oceanos e o transporte marítimo de petróleo e GNL faz da cadeia de suprimento de energia mais vulnerável a ameaças híbridas contra armadores e entidades comerciais que exploram, extraem e transportam esses produtos.

- d) Comunicações – a economia atual é muito dependente na infraestrutura da tecnologia de informações globais com 97% das comunicações intercontinentais percorrendo cabos submarinos, maior parte deles sem a mínima defesa. Aproximadamente US\$10 trilhões em transações financeiras passam por esses 213 cabos submarinos diariamente, o que representa a confiança da economia global nesses equipamentos.

Esses cabos pertencem a entidades privadas, possuindo, os Estados, dependência estratégica em sua integridade e operacionalidade.

- e) Vulnerabilidades territoriais – as fronteiras marítimas e a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) das nações costeiras podem ser contestadas por atores híbridos agindo em nome de um Estado, de maneira a contraditar a governança de sua soberania territorial. Uma vez que a habilidade de controlar, manter e proteger a autoridade no mar territorial é um aspecto chave da governança, essas estão entre as tarefas principais das guardas costeiras e forças navais.
- f) Ameaças às Forças de Segurança Marítima – são representados por atores híbridos como clandestinos usando mergulhadores de combate armados ou navios sem marcas, disfarçados como embarcações pesqueiras comerciais. Podem surpreender e se apresentar como um “enxame” aos navios de guerra se tornando um verdadeiro problema militar.

Conclusão

O termo guerra híbrida tenta capturar a complexidade da guerra do século XXI, que envolve uma multiplicidade de atores, obscurece as distinções tradicionais entre tipos de conflito armado e até mesmo entre guerra e paz. Existem muitas definições de guerra híbrida e essas definições continuam a evoluir. Definir guerra híbrida não é apenas um exercício acadêmico, porque essas definições podem determinar como os Estados percebem e respondem a ameaças híbridas e quais agências governamentais estão envolvidas em combatê-las (WHITER, 2020).

Não há uma definição homogênea de guerra híbrida, pois não há uniformidade na forma como ela é e pode ser usada. Até mesmo autores mais consagrados sobre o assunto levantam questionamentos sobre sua própria definição. Nem o Ministério da Defesa e as Forças Singulares foram capazes de estabelecer um conceito inicial para Guerra Híbrida. Esse conceito inicial deve estar em um mais alto nível de decisão da Nação. O Setor Operativo da Marinha logo definiu ameaças híbridas. Essa definição parece estar consistente com as observadas na revisão bibliográfica aqui apresentada.

A despeito da dificuldade de formulação desses conceitos, ressalta-se que das três características básicas da Guerra Híbrida, talvez a mais importante: buscar atingir uma vulnerabilidade do adversário. Isso posto, foram apresentadas algumas vulnerabilidades do ambiente marítimo, considerando que a partir delas podemos vislumbrar como combater ameaças híbridas. Constatou-se que é preciso um amplo debate, no mais alto nível decisório. Os decisores e assessores políticos da Nação precisam, primeiramente, compreender a questão para, posteriormente, fomentar as capacidades para responder ações híbridas aos objetivos fundamentais do Estado brasileiro.

Por fim, este pequeno ensaio atingiu seu propósito, ao introduzir a debate um assunto de amplo espectro, que precisa ser mais bem discutido nas Escolas de Altos Estudos militares e em Instituições de Ensino Superior cuja área de conhecimento envolva os Estudos Estratégicos, afinal a guerra híbrida e suas ameaças são uma realidade. Conhecê-las e compreendê-las são os primeiros passos para combatê-las.

REFERÊNCIAS

- BILAL, Arsalan. **Hybrid Warfare – New Threats, Complexity, and ‘Trust’ as the Antidote**. 2021. Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/review/articles/2021/11/30/hybrid-warfare-new-threats-complexity-and-trust-as-the-antidote/index.html>>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- BRASIL. Marinha do Brasil. Comando de Operações Navais. **COMOPNAVINST 30-01- Definição da expressão “Ameaças Híbridas”** – Rio de Janeiro, 2020.
- BRUM, Alex Guedes. Estado Islâmico: uma ameaça híbrida? **O Cosmopolítico**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 87-96, Dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ocosmopolitico/article/view/53740>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars**. Potomac Institute for Policy Studies, Arlington, Virginia, 2007. Disponível em: <https://www.potomac institute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf>. Acesso em: 28 fev.2021.

HOFFMAN, Frank G. **Hybrid Warfare and Challenges**. *JFQ*, Washington, n. 52, p. 34-39, mar. 2009. Trimestral. Disponível em: <https://smallwarsjournal.com/documents/jfqhoffman.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.

HOFFMAN, Frank G. **Hybrid vs Compound War. Tha Janus choice: Defining today´s multifaceted conflict**. *Armed Forces Journal*, Oct. 2009. Disponível em: <<http://armedforcesjournal.com/hybrid-vs-compound-war/>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

KREMIDAS-COURTNEY, Chris. **Countering Hybrid Threats in the Maritime Environment**. *The Maritime Executive*. 11 jun. 2018. Disponível em: Acesso em 25/05/2021.

WHITER, James K. **Defining Hybrid Warfare. Concordiam: Journal of European Security Defense**. Berlim, p.7-9. jan. 2020. Disponível em: <<https://www.marshallcenter.org/en/publications/concordiam/perspectives>>.